



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

**Versão do arquivo anexado / Version of attached file:**

Versão do Editor / Published Version

**Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:**

Sem URL

DOI: 0

**Direitos autorais / Publisher's copyright statement:**

©2022 by UNICAMP/IA. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

## O APAGAMENTO DAS DANÇAS GUERREIRAS DE ORIGEM NEGRA NO BRASIL

Carlos Kiss  
Gina Monge Aguilar  
Larissa Sato Turtelli

### Resumo

O objetivo deste artigo é refletir sobre a Dança Negra Tradicional e Contemporânea em África, especificamente em Moçambique (XIGUBO) e África do Sul (INGOMA) e suas contribuições na formação das danças brasileiras de origens negra (Congada e Moçambique).

O foco principal destas reflexões versa sobre o desaparecimento das danças guerreiras de origem negra no Brasil. Desaparecimento que deixou resquícios históricos de sua existência e de suas relações de técnicas corporais e de corporeidade com as danças supracitadas oriundas do continente africano.

A maioria dos negros escravizados que chegaram em Pindorama, eram de origens BaNtu<sup>1</sup>, no entanto a importância da cultura e a influência BaNtu é invisibilizada em nossa história social.

As danças Xigubo e Ingoma, são danças do povo Zulu, de origem BaNtu do sul do continente africano. As relações históricas e técnicas, são claramente percebidas em danças tradicionais de origem negras no Brasil, como nas danças: Congado, Moçambique e Maracatu, apenas para ficar nestas.

Ao longo deste artigo, fundamentaremos a necessidade do colonialismo desenvolver estratégias para o apagamento da imagem da rainha Nzinga e do Rei de Congo nas danças tradicionais brasileiras de origem negra, danças estas, com cortejos referente a coroação e a união simbólica das duas nações Congo e Angola, pertencentes aos civilização de origem BaNtu.

Estas estratégias foram pacientemente articuladas e desenvolvidas pelos donos de escravos e religiosos, aos longos dos anos, no século XVII e principalmente XVIII, transformando as danças guerreiras negras em uma procissão religiosa católica, o Rei de Congo foi substituído por São Benedito e a Rainha Nzinga por Nossa Senhora do Rosário.

As consequências deste apagamento, pela substituição por imagens católicas, causaram profundos prejuízos identitários e de concepção de mundo das comunidades negras, que afeta, ainda hoje, não apenas a corporeidade e a dança, mas principalmente as relações sociais entre negros e brancos e o combate as políticas estruturais raciais e racistas, mantendo os privilégios de 522 anos da população branca em relação a população não branca e não asiática.

**Palavras-chave:** dança negra. dança zulu. Xigubo. Ingoma. Congada.

### Abstract

The aim of this article is to reflect on Traditional and Contemporary Black Dance in Africa, specifically in Mozambique (XIGUBO) and South Africa (INGOMA) and their contributions to the formation of Brazilian dances of black origins.

The main focus of these reflections is on the disappearance of black warrior dances in Brazil. Disappearance that left historical traces of its existence and its relationship of body techniques and corporeality with the aforementioned dances from the African continent.

Most of the enslaved blacks who arrived in Pindorama were of BaNtu<sup>2</sup> origins, however the BaNtu culture and influence is invisible in our social history.

The Xigubo and Ingoma dances are Zulus dances, BaNtu people from southern Africa. The historical and technical relationships are clearly perceived in traditional dances of black origin in Brazil, as in the dances: Congado, Mozambique and Maracatu, just to be present.

During this article, we will fundamentalize the need for colonialism to develop an objective to erase the image of Queen Nzinga and the King of Congo in traditional Brazilian dances of black origin, these dances, with processions referring to the coronation and the symbolic union of the two Congo and Angola nations, belonging to the BaNtu people.

These strategies were patiently articulated and developed by slave owners and religious, over the years, in the 17th and mainly 18th centuries, transforming themselves into a Catholic religious procession, the King of Congo was replaced by Saint Benedict and Queen Nzinga by Nossa Senhora do Rosário.

As a consequence of this erasure, by replacing them with Catholic images, they caused profound damage to the identity and worldview of black communities, which even today affects not only corporeality and dance, but mainly as social relations between blacks and whites and combat as previous racial and racist policies, maintaining the 522-year privileges of the white population over the non-white and non-Asian population.

**Keywords:** black dance. Zulu dance. Xigubo. Ingoma. Congada.

<sup>1</sup> BaNtu – definição de um conjunto de povo africanos, com idiomas diferente, mas compartilhando da mesma raiz etnolinguística, nigero-congolesa. Acentuo Ntu na palavra BaNtu, pois é um termo comum naraiz etnolinguística, incorporado nas palavras, enfatizando a importância destas. Ntu significa a existênciade tudo.

<sup>2</sup> BaNtu – definition of a group of African people, with different languages, but sharing the same ethnolinguistic root, Niger-Congolese. I emphasize Ntu in the word BaNtu, as it is a common term in the ethnolinguistic root, incorporated in the words, emphasizing their importance. Ntu means the existence of everything.

**Existência, existir e existe**

A concepção de dança negra de origem BaNtu, está relacionada à concepção de Existência, do Existir e do que Existe. Sendo que existências são as concepções filosóficas e metafísicas relacionadas entre si.

A Existência só é possível através destes relacionamentos entre o Existir e o que Existe, nos quais a cosmovisão de mundo é moldada através da concepção de sua criação, concepção de criação que considera quem criou, como foi criado e o objetivo desta criação. A Existência é o “quem sou”.

O Existir, é elemento que explica o nosso papel com o mundo, com o objetivo da criação e com o criador. O Existir é o sentido e a essência do “que eu sou”

E o que Existe, é o nosso relacionamento com tudo que está em nossa volta, seja animado ou inanimado, porém tudo faz parte de nossa essência existencial e o que somos. Ao mover uma pedra, move-se vidas, princípios da existência.

Negro é tão importante, que graças a energia negra, que o universo existe, que mantém a relatividade gravitacional, que permite que as galáxias dançam pela imensidão e possibilita a infinidade de cores.

Pensar em Dança Negra, é pensar em maneiras quase infinitas do existir do povo negro, percorrendo todos os continentes, pelos quais foram espalhadas a arte da dança negra, desde os primórdios da humanidade.

Quando o Ocidente inicia o processo de dança moderna e depois contemporânea, na África a milênios a contemporaneidade está posta, não só na dança, mas em todas as artes, visivelmente, nos murais núbios egípcios e/ou de Zimbabwe.

No entanto, o respeito a ancestralidade é um diferencial, constituinte dos povos negro e conseqüentemente da dança negra. Compreender que mover a pedra é um símbolo de ancestralidade, a pedra não pode ser movida de qualquer forma, mas com respeito, pois este movimento poderá mudar o caminho da água e secar o rio.

<sup>3</sup> Kemet: denominação do Antigo Egito.

<sup>4</sup> Ntu: é a humanidade, a existência de tudo, na filosofia BaNtu.

Opressivamente, os conhecimentos transmitidos pela sociedade que vivemos, são eurocêtricos, apropriados de outras culturas não ocidentais e adaptados de maneira empobrecida para tal sociedade. Equilibrando-se por uma fina corda negra, cheio de remendo preste a arrebentar. Quase toda energia negra, foi retirada, restando o resquício na corda, caso se arrebente causará a colisão de galáxias coloridas em um fundo branco, ficando no final deste processo apenas o fundo branco.

Nossas logicas filosóficas, estão relacionadas com a Existência, o Existir e o que Existe. Lógicas filosóficas estas, profundamente diversas e complexas, de extrema dificuldade para a compreensão reducionista e imediata apresentada pelo ocidente.

Reduccionismo, aplicado ao pensarmos na filosofia grega, fundamentada e construída por filósofos e intelectuais que estudaram em Kemet<sup>3</sup>, adaptaram seus conhecimentos Kemetianos para formular a filosofia ocidental, as semelhanças dos deuses gregos com os deuses de Kemet não é mera coincidência, mas uma consciente apropriação epistemológica.

**Dança, logo existo**

O ato de dançar, é a complexidade de compreender os sentidos interior e exterior. As danças Xigubo (Moçambique) e Ingoma (África do Sul) são danças tradicionais do povo Zulu, apresentam fortes relações entre sentimentos internos e externos, o canto vem das profundas lembranças e honras ancestrais e os fortes movimentos coreográficos nos levam para as batalhas presentes e às do porvir.

Xigubo e Ingoma, fazem o solo tremer e canto faz o leão se esconder, pois anuncia que os bravos guerreiros Zulus, estão prontos para a batalha, honrando a nação e os ancestrais BaNtu, protegendo suas terras e comunidades, protegendo sua existência, seu existir e o que existe. Sem a terra e comunidade, esta trindade estará rompida e Ntu<sup>4</sup> destruído, estamos fadados à extinção.

Figura 1



XIGUBO – Intercambio Internacional de Dança Negra, Bairro Benfica, Maputo. Moçambique 2017

Este breve resumo histórico-filosófico, é para entender que ao atravessar a Kalunga (Atlântico), em navios da morte, lotados de negro sequestrados de sua existência e o que Existe, só restou ao povo negro manter o Existir e aguardar o momento de reconstrução de sua Existência e o que Existe.

Ao tocar o solo, seu Existir procura sua Existência, visto que a conexão com o que existe foi feita, este primeiro passo, é o passo do Xigubo e/ou Ingoma, são passos de enfrentamentos e que definirá sua Existência no que Existe ainda desconhecido.

Os enfrentamentos ao que Existe desconhecidos, tem dois caminhos, a incorporação do que Existe desconhecido a sua existência e ao seu existir ou abdicar a sua existência e ao seu existir.

É através das danças e do canto que sua ancestralidade será honrada, memorizada e preservada. Xigubo e Ingoma são praticadas após longo dia de trabalho, não como divertimento, mas como um processo político/pedagógico de ensino e preservação de história,

memória de seus ancestrais e de preparação física para a batalha que virá em breve.

Estes cantos e danças despertaram suspeitas dos capatazes e dos senhores da escravidão (Yurugu)<sup>5</sup>.

Impedir as práticas das danças em homenagem a seus reis e rainhas criou conflitos e rebeliões. O negro escravizado, na visão do escravagista era mercadoria e instrumento de trabalho, cada negro escravizado perdido, era dinheiro perdido.

Como estratégia, sempre com a cumplicidade da igreja, o processo foi a transformação das danças guerreiras africanas (Xigubo e Ingoma) em danças religiosas, com isso seria possível desviar o foco, preservado aspectos culturais e utilizando símbolos religiosos, com o objetivo de apagar os símbolos de resistências originais.

A construção de uma dança religiosa que permitisse ao negro escravizado pensar como o opressor e educando-o para ocupar o seu lugar social como escravo, era um processo mais lento, porém mais seguro e permanente, visto que

<sup>5</sup> Yurugu, entidade da cultura do povo Dogon, do Mali. Na criação do universo por Amma, Yurugu prematuramente rompe a sua placenta e nasce incompleto, sem sua metade feminina e com o desejo de criar um mundo melhor do que o de Amma. Yurugu criou a terra, de forma incompleta, assim como ele.

as novas gerações seriam convertidas a ideologia escravagista e colonizadora, aceitando esta ideologia como natural e mantendo a supremacia branca, assegurada pelos negros convertidos e protetores do catolicismo europeu.

Alguns negros escravizados, tinham contato com a religião e religiosos católicos em África, estes seriam os cooptados, aliados e propagadores deste processo de apaziguamento e conformismo em relação a situação de escravidão.

Este processo transformou as danças guerreiras de origens negras em danças religiosas, proporcionando o apagamento de memórias de resistências e de lutas. Apagamento este, que agora era realizado pelo próprio negro cooptado, com a esperança de obter a aprovação e estima do Senhor e da Senhora da escravidão.

A construção e incentivos de grupos de danças de Congado e Moçambique, com os princípios cristãos, foram apoiados pelos senhores e senhoras da escravidão. Eram espaço construídos para perpetuar o culto e a educação, com os objetivos da adoração e da submissão à autoridade e a religiosidade europeia branca, sempre com a liderança de um negro, chamado de Capitão. Manter a denominação das danças com os nomes de origens geográficas dos negros escravizados, lembrando que vieram da região Congo, Angola e Moçambique, lembrando que não são partes do mundo europeu do senhor de escravos.

Sob o comando deste mestre Capitão Negro, título simbólico de autoridade, o Capitão e sua família gozavam de privilégios, como melhores roupas, acomodações e alimentação, em troca, disseminavam a ideologia religiosa e supremacista eurocêntrica dentro de sua comunidade, perseguindo, vigiando e punindo os que não compactuam com esta nova realidade e visão de mundo subserviente.

Resistências e práticas aos cultos tradicionais de África, colocaria em risco os privilégios do Capitão e a paz nas fazendas. Sendo assim, estas ações, seriam punidas de forma exemplar para que os negros escravizados percebessem que o único caminho possível era o

branco como salvador e o apagamento da concepção de mundo da África, apagando a existência BaNtu e ao existir Ntu.

Este apagamento refletiu na construção da corporeidade e concepção de mundo do negro brasileiro, sendo apagado e esquecidos o corpo guerreiro primordial BaNtu e seu Ntu.

Para chegar a este apagamento e o rompimento com as práticas de cultos aos ancestrais (espiritualidade)<sup>6</sup> do negro escravizado, foi necessário a construção da pseudo-aceitação deste negro escravizado na cultura europeia, induzi-lo a acreditar que cumprindo as determinações religiosas e de servidão, seriam compensados com a inserção ao mundo dos seus senhores brancos escravagistas e/ou a um mundo pós-morte de perfeição e justiça divina.

Vestir os negros escravizados com as roupas e joias, do senhor e senhora escravagistas, era a estratégia para conquistar a confiança dos negros escravizados e induzi-lo na esperança de sua libertação por merecimento e sua inserção a sociedade branca europeia.

No entanto, era necessário produzir uma ideologia que impedisse o desejo do negro escravizado, em possuir as roupas, as joias e as terras de fato, do senhor escravagista. A religião cumpriu a função de criar gatilhos que impedisse tal desejo de possuir os objetos de poder, na qual a riqueza material era inferior a riqueza religiosa e divina, sendo todo sofrimentos compensado no pós-morte, para tanto os pobres deveriam ser humildes, tementes, fieis e obedientes ao homem branco e ao seu Deus.

Esta estratégia do senhor escravagista, do empréstimo de seus bens e tratamentos privilegiados aos seus negros, constrói a concepção de bondade, mesmo que os castigos continuem. Transfere as responsabilidades aos negros escravizados, os castigos eram aplicados por culpa do negro escravizado que não trabalhou o suficiente e desagradou o bondoso senhor escravagista.

Ao vestir as roupas e joias do senhor e da senhora escravagista, o negro escravizado está pronto para receber a fé e aceitar a religião ocidental, ponto nevrálgico para sua obediência e aceitação aos valores europeus.

<sup>6</sup> Espiritualidade: culto à energia ancestral, que conecta o interior com o exterior amplo, organizando a existência.

As referências históricas e existenciais transportadas da África através das danças e cantos, perpetuando a memória e as transmissões destas, foram hábil e sutilmente substituídos por referenciais ocidentais, promovido pelo Estado e Igreja,

Substituir os reis e rainhas de nações africanas por santos e santas católicas, Rei de Congo e Rainha de Angola Nzinga por São Benedito e Nossa Senhora do Rosario, no caso das danças de Moçambique e Congada, são fatores poderosos de substituição de memórias históricas por adorações fantasiosas, habilmente construídas e sem vínculo histórico-geográfico, alienação concretizada. Com estas substituições, também substitui o enredo e os cantos do cortejo, que era guerreiro passando a ser religioso.

Ao mudar o enredo e o canto, fez-se necessário a mudança dos movimentos coreográficos, suavizando, minimizando e simplificando, pois, os movimentos coreográficos não se encaixavam naquele enredo, os fortes movimentos com as pernas e braços, são substituídos por movimentos suaves no caminhar e de louvor nas mãos e nas posturas colunar.

Suavizados e modificados os movimentos coreográficos, as lanças e escudos foram substituídos por adereços religiosos e de apaziguamento.

O cortejo aos santos perde sua dança e movimentos corporais historicamente construído, transformando-se em uma marcha com movimentos simples coreografados, aos sons de lamentos.

Em minha pesquisa de dança Xigubo e Ingoma, em Moçambique e África do Sul, identifiquei resquícios de movimentos coreográfi-

cos e técnicos semelhante aos que temos no Brasil nas danças Congada e Moçambique. As danças africanas com o objetivo guerreiro e as danças brasileiras com o objetivo religioso.

Estes processos sofridos na transformação e deformação das danças de origens negras no Brasil são importantes para compreendermos a formação de comunidades negras e a sua relação com as políticas raciais e racistas.

Desde o início, os senhores escravagistas e a igreja católica, perceberam que o canto e a dança eram fortes instrumentos históricos e pedagógicos, lembrando o negro escravizado do lugar de onde veio e a nação de origem. Sua ancestralidade deveria ser honrada e sua situação de escravo era desonrosa.

Estes fatos foram transformados pelos senhores escravagista e pela igreja católica utilizando os mesmos instrumentos dos negros, a dança, transformando seu núcleo filosófico e histórico (catolicismo), mantendo a base (negros escravizados) e os referenciais (capitães).

Diante do exposto, fica extremamente difícil combater o branco que se homenageia nas atividades festivas religiosas, na qual, o futuro da branquitude tem a proteção de um santo negro que o carrega carinhosamente.

A imagem tem um forte poder de indução, e são imagens como estas que amenizam a resistência guerreira de parte da comunidade negra. E continuam projetando a esperança de ser aceito na sociedade branca brasileira ou um lugar no paraíso pós morte.

[https://www.youtube.com/channel/UC7Po3ausYeTrRmNza\\_2Y8NQ](https://www.youtube.com/channel/UC7Po3ausYeTrRmNza_2Y8NQ)

KISS, Carlos (Carlos Alberto Vieira Soares); AGUILAR, Gina Maria Monge; TURTELLI, Larissa Sato. **O Apagamento das Danças Guerreiras de Origem Negra no Brasil**. Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP; Instituto de Artes – IA/UNICAMP; Mestrado em Artes da Cena – Instituto de Artes-UNICAMP; Gina Maria Monge Aguilar; coorientadora Larissa Sato Turtelli. Bolsa CAPES.

## REFERÊNCIAS

ANI, Marimba. (1982) YURUGU- An african-centered Critique of European Cultural Thought and behavior. Trenton, New Jersey, USA.

ARAUJO, A. M. (1975) Festa, bailados, mitos e lendas. São Paulo, Brasil, Melhoramento.

ARTAUD, Antonin (1987). O Teatro e seu Duplo. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo, Brasil. Martins Fontes.

BARBA, Eugenio e SAVARESE, Nicola (1995). A arte secreta do ator. Trad. Luís Otavio Burnier. Campinas, Brasil: Editora da Unicamp e Hucitec.

CARNEIRO, Edison. Samba de Umbigada (1961). Rio de Janeiro, Brasil. Ministério da Educação e Cultura.

CASCUDO, Luís da Câmara (2020). Dicionário do Folclore Brasileiro. Global Editora. São Paulo, Brasil.

CHIARINI, Paolo (1967). Bertholt Brecht. Rio de Janeiro, Brasil. Editora Civilização Brasileira S.A.

DIOP, Cheikh Anta. (2014). A Unidade Cultural da África Negra. Luanda, Angola. Edição Pedagogo Ltda.

FANON, Frantz. (1965) Os condenados da Terra. Lisboa, Portugal. Editora Elisseia.

LACAN, Jacques, (1998). Escritos. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.

LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

LÉVI-STRAUSS, C. Raça e história. In: Raça e ciência. J. Comas (Org.). São Paulo: Perspectiva. 1970

LOPES, Nei (2006). Bantos, malês e Identidade negra. Belo Horizonte, Brasil. Autêntica.

LOPES, Nei (2012). Novo dicionário Banto do Brasil. Rio de Janeiro: Editora Pallas

MERLEAU-PONTY. (1999) Fenomenologia e Percepção. São Paulo: Martins Fontes.

MOURA, Clóvis. (1981) Os Quilombos e a Rebelião Negra. São Paulo: Brasiliense, 1981.

NASCIMENTO, Abdias. (1980) O Quilombismo. Petropolis, Rio de Janeiro: Vozes

## REFERÊNCIAS

RODRIGUES, Gabriela. Bailarino, pesquisador, Intérprete: Processo de formação”. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1997

SOARES, Carlos A.V. e AGUILAR, Luiz Enrique. (1998). “Dança, Educação e Autoestima – O Brasil que queremos”. In Congresso “Continentes em Movimento”, Lisboa, Portugal. Ed. Faculdade de Motricidade Humana, (pag. 160-163).

SOARES, Carlos A. V.; COSCARELLA, Priscila L. A. (2012) Dance and education: The contributions of regional and contemporary Afro-Brazilian dance to the development of the self-esteem of Brazilian children. In S.W. Stinson, C. Svendler Nielsen & S-Y. Liu (Eds.), Dance, young people and change: Proceedings of the daCi and WDA Global Dance Summit. Taipei National University of the Arts, Taiwan, July 14th – 20th 2012. <https://ausdance.org.au/publications/details/dance-young-people-and-change>